



PROJETO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

Título do Projeto: Travelling: diálogos poéticos entre Alice Sant'Anna e Ana Cristina César

Palavras-chave: Alice Sant'Anna; Ana Cristina César; Poesia Contemporânea.

Aluno: Emanuelle de Queiroz Oliveira

Orientador: Nilcéia Valdati

1. INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

O *Travelling* numa simples tradução pode referir-se ao substantivo viagem, ou melhor, na ação de estar viajando. Porém, como nada na poesia deve ser “numa simples tradução” tomamos o *Travelling* como movimento, deslocamento.

No Cinema, o *Travelling* é o movimento de câmara e, acredito um dos equipamentos que mais contribuem positivamente para a fotografia nessa área. O deslocamento simétrico da câmara contribui para a exatidão do recorte, para uma sequência de imagens todas já pensadas, ensaiadas e preparadas para que no segundo exato seja filmado determinado momento. No Cinema, com o *Travelling* seguindo o percurso esperado é fácil para quem está nos bastidores observar a sequência, os movimentos, os próximos passos, as próximas fatalidades que acontecerão. O *Travelling* tem um percurso a seguir, o que torna possível para quem está de fora do movimento já saber o que acontecerá, como se pudesse saber o futuro da filmagem, aquilo que ainda vai acontecer. Com o *Travelling* é fácil percebermos o movimento no Cinema. Na vida, entretanto, não temos um *Travelling*, nossa câmara não segue um percurso de filmagens já pré-estabelecidas, não podemos prever a próxima sequência da cena.

Em 1968, Ana Cristina César, na linha entre o real e o irreal, pressupõe um caminho para seu *Travelling*, “No ano 2001 terei (2001 – 1952=) 49 anos e serei uma rainha/ rainha de quem, quê, não importa/ E se eu morrer antes disso/ Não verei a lua mais de perto” (CESAR, 2013, p. 147). Porém o carrinho saiu dos trilhos, e Ana C. não passou a fazer parte da monarquia em 2001. Mas com apenas 31 anos, em 1983, a câmara de Ana parou de filmar e seus “caderninhos” estão agora na “vitrine da exposição póstuma. Relíquias” (CESAR, 2013, p. 55).

Ana Cristina Cruz César, poeta, ensaísta, tradutora, Mulher. Nasceu no Rio de Janeiro, em 2 de junho de 1952. Esteve desde cedo no meio literário, seu pai Waldo Aranha Lenz César foi sociólogo, teólogo e ocupou cargos importantes na área editorial, como

membro fundador da editora *Terra e Paz*. E, sua mãe, Maria Luiza César, foi professora de literatura. Um ambiente propício para que nascesse a grandiosa poeta Ana C., como costumava assinar.

Com apenas sete anos já teve seus primeiros poemas publicados no jornal *Tribuna da Imprensa*. Teve parte da sua vida voltada aos estudos. Em 1970 realizou um intercâmbio em Londres. Em 1971, retorna ao Brasil e inicia a faculdade de Letras na PUC/RJ, atuando como professora desde o início. É no meio acadêmico que Ana C. estabelece uma relação com Heloisa Buarque de Holanda, que foi fundamental na sua construção como poeta no Brasil.

Cenas de Abril (1979) é o primeiro livro de Ana Cristina a ser publicado, e de forma totalmente independente. Essa forma de publicação é uma das evidências da relação de Ana C. com a poesia marginal brasileira nos anos 1970, ou a geração mimeógrafo. Como afirma Paulo Ricardo Alves (2017, p.1), em uma matéria sobre Ana C. para a revista *Cult*, “foi em meio à geração do mimeógrafo que Ana C. despontou”.

Em apresentação ao livro *Poesia Marginal Palavra e Livro*, organizado por Eucanaã Ferraz (2013), o site do Instituto Moreira Sales evidência:

A poesia marginal fez dos livros instrumento privilegiado. Sem muito dinheiro, os autores inventaram meios de editar suas publicações, sem depender das editoras, que eram pouco receptivas a um gênero nada comercial. Tudo começou com o mimeógrafo, na época, o principal equipamento de reprodução de textos nas escolas, que serviu ao movimento estudantil para espalhar mensagens políticas. (IMS, 2018, p.1)

Ou seja, é pela forma de divulgação da poesia que esses poetas estão como poetas marginais, não eram poetas à margem da sociedade, excluídos, pelo contrario, em sua maioria eram jovens que pertenciam e circulavam por áreas importantes da sociedade, porém estavam a margens dos cânones, não seguiam o padrão de publicações das editoras. São poetas marginais pelo modo que buscam se distanciar do cânone literário.

Como já dito, Heloisa Buarque de Holanda, foi de fundamental importância na construção como poeta de Ana C., pois, em 1975, Heloisa publica pela editora Aeroplano a antologia *26 poetas hoje*, que continha poemas de vários poetas da geração mimeógrafo, entre eles, Ana Cristina.

Há alguns críticos, porém, que afirmam que a poesia de Ana C. não é tão marginal assim, visto que em seus poemas também é nítido a relação com a tradição:

Ana destoou significativamente do restante do grupo marginal – em vários dos seus poemas ela deixou clara a influência recebida de outros predecessores literários chegados até ela via Tradição. Não fez tantos experimentalismos estilísticos na composição dos seus versos, optando por uma escrita firme e versos bem elaborados nos seus períodos, alguns até bem longos graficamente. Tal fato já contribui para sentirmos uma nova

possibilidade, uma nova retórica quanto a sua criação poética: não opta tanto pela fragmentação do verso como era de se esperar de uma poeta dita 'marginal', ainda mais tendo como precursora toda uma tradição concretista pautada numa verdadeira revolução formal/visual da poesia. (RODRIGUES, 2011, p. 15)

Ana Cristina não é apenas uma grande autora por seguir a tradição poética, não é simplesmente significativa em seu tempo por ser poeta marginal, mas ela é a própria poética e merece estudo e reconhecimento, não pela marginalidade ou tradição, mas porque ela é original. Larissa Drigo Agostinho (2015, p.3) afirma: “Ana Cristina abandona as convenções e regras que poderiam limitar o horizonte de sua escrita”.

A escrita de Ana C. ultrapassa horizontes, ultrapassa a margem. É o que nos mostra Cristiane Roveda Gonçalves (2010) em seu artigo “Quem tem medo de Ana Cristina César?”:

Ao contrário dos poetas marginais que apresentavam uma preocupação com o mundo, que possuíam um tom moralizante em seus poemas, que estavam refletindo o capitalismo e a cultura de massa, Ana Cristina escrevia preocupada com a intimidade, com o mínimo, com o segredo, com aquilo que só é possível tocar por dentro: Hoje acordei com uma coceira no hímen. O peso do mundo pesa em Ana C. (GONÇALVES, 2010, p. 200).

É como se os livros de Ana César tivessem seu próprio *Travelling*, as palavras viajando, a sequência de imagens, a vivência do deslocamento. É uma poesia totalmente íntima, não é qualquer viagem, são as suas próprias viagens, reais ou não, viagens dos seus poemas. Gonçalves (2010), ao comentar sobre a poesia de Ana Cristina diz que ela pode ser lida como uma experiência de escrita imediata: “O tom confessional de diários, cartas, bilhetes e poemas fragmentados induz o leitor a criar uma atmosfera juvenil e pouco complexa, porém nesse jogo com o cotidiano a poeta revela extrema consciência de que a poesia é um trabalho de linguagem” (GONÇALVES, 2010, p. 198).

O trabalho de linguagem produzido por Ana Cristina, infelizmente, não foi todo divulgado em vida, publicou seus livros de forma independente, e apenas o livro *A teus pés* (1982), foi publicado em uma editora. Após sua morte, Armando Freitas Filho, amigo e também poeta, se torna responsável pelas suas publicações póstumas. Reunindo toda sua produção, o livro *Poética* (2013), publicado pela Companhia das Letras, faz ao leitor a revelação de toda a intimidade de Ana C. O posfácio do livro é escrito por Viviana Bosi, do qual podemos ter a certeza “Ana Cristina, assim como outros poetas de sua geração, debate-se com o agora”. (BOSI, 2013, p. 427)

E, se no século XX temos Ana Cristina César com toda essa intimidade, singularidade e voracidade em uma poesia que (de)bate com o agora e constrói uma rachadura, trinta anos depois, já no século XXI, com o livro *Rabo de Baleia* (2013), temos

Alice Sant'Anna, jovem e admiradora de Ana Cristina, que, assim como Ana C, faz uso da sua intimidade para debater-se com o agora.

Alice Carvalho Cumplido de Sant'Anna nasceu também no Rio de Janeiro, em 1988, cinco anos após a morte de Ana C. o que não impediu que em suas produções poéticas houvesse um diálogo palpável. Alice é em seu tempo uma poeta singular, intimista, com sua poesia de detalhes, também fazendo em sua escrita o uso do seu próprio *Travelling* na forma como constrói as imagens em seus poemas.

Sant'Anna é formada em Jornalismo e tem mestrado em Literatura pela PUC/RJ, atualmente é colaboradora da *Revista Serrote*, publicada pelo Instituto Moreira Sales. Em uma das matérias que escreveu "Meios de Transporte", Alice fala sobre a poesia de Ana C. "O deslocamento é marca frequente na poética de Ana" (SANT'ANNA, 2016, p. 1), mas é isso também o que podemos perceber na própria poesia de Alice.

O deslocamento, retomando a ideia inicial, é o *Travelling* tanto na poesia de Ana C. como na de Alice S. As duas utilizam dessa marca em suas poéticas. O *Travelling* não é somente o viajar, o deslocar-se de um lugar para outro, mas é também o deslocamento figurado, o se sentir deslocado, não sentir-se adequado ao mundo, ao seu próprio tempo. São duas poetisas que ao seu tempo debatem-se com o agora. É possível observar o anacronismo, o movimento, o deslocamento, o *Travelling* nos escritos poéticos de ambas. Há diálogo entre Alice Sant'Anna e Ana C. nesse estar dentro sentindo-se fora.

Felipe Fortuna (2016, p. 1) ao escrever para o *Folha de S. Paulo* declara Alice como discípula de Ana Cristina César: "É bem possível que Alice Sant'Anna seja quem mais racionalize e aplique, em sua poesia, as técnicas de despistamento e o intencional movimento pendular de confissão e ficção presentes na poesia de Ana Cristina César".

Alice Sant'Anna como leitora de Ana Cristina Cesar ao produzir seus poemas estabelece perceptível diálogo poético com os poemas de Ana C. Tomamos como evidência desse diálogo o poema de Alice "*Travelling*", publicado no livro *Rabo de Baleia* (2013, p.25):

TRAVELLING –
este papel só serve para ocupar
o banco do lado, poema-carona
em que se resume uma impressão
a um esqueleto, uma frase, uma fórmula
e quando ela brota, igualzinha, na vez seguinte
não precisa mais sentir nenhuma dor
lembra daquele poema
que diz a sereia de papel
e pronto, já aprendi
essa rua que sobe em curva
lá de cima pipocam casas onde você nunca
vai morar, mesmo que more, na lateral
os carros te atravessam em câmera lenta

tudo o que há neta cidade é um ponto
de ônibus em frente ao supermercado
onde se vendem ovos para bater
suspiro na cintura, a manga arregaçada
pavlova nas datas especiais

O título do poema de Sant'Anna é o mesmo de um dos poemas de Ana C., publicado no livro *A teus pés* (2013). O verso “que diz a sereia de papel” é referência direta ao título de um dos livros da autora. E se a câmera de Alice é uma “câmera lenta”, a de Ana C. é uma câmera que “em rasante viajava”.

Ana Cristina César e Alice Sant'Anna são singulares, mesmo que se estabeleça o diálogo poético, cada uma tem seu próprio modo de expressar sua peculiaridade, sua intimidade, utilizar o seu *Travelling* para montar os recortes, as imagens de seus poemas, que em boa parte indicam deslocamentos.

2. OBJETIVOS

2.1. Objetivo Geral

- Comparar como se constrói o diálogo poético entre Alice Sant'Anna e Ana Cristina César.

2.2. Objetivo Específico

- Identificar nos poemas de *Rabo de Baleia* (2013) relações com os poemas de Ana C.;
- Verificar como as leituras que Alice Sant'Anna faz de Ana C. contribuem para a construção poética de *Rabo de Baleia* (2013);

3. METODOLOGIA

Para atingir os objetivos desta pesquisa será utilizada a pesquisa bibliográfica. Num primeiro momento serão feitas buscas em sites de pesquisa acadêmica para elencar e identificar a recepção de possíveis comparações entre a escrita poética das duas autoras: Ana Cristina César e Alice Sant'Anna.

Em seguida, serão definidas discutidas leituras para elaboração do referencial teórico, que gira em torno de questões que envolvem a poesia contemporânea e seu diálogo com autores, obras, experiências estéticas de outros tempos, como: cotidiano, alteridade, afetividade, para isso alguns referenciais já são elencados: Susana Scramim (2016), Luciana di Leone (2014), Giorgio Agamben (2009) e Florencia Garramuño, Gonzalo Aguillar e Luciana di Leone (2007). Essas discussões serão feitas com a orientadora e os demais componentes do grupo de pesquisa.

Além disso, será realizada a análise pontual de alguns poemas das duas autoras: partindo da seleção de alguns poemas de *Rabo de Baleia*, de Alice Sant'Anna comparando-os outros presentes na obra poética de Ana Cristina César, verificando como a poeta Alice S. estabelece um diálogo com Ana C. considerando a ideia de *travelling*.

4. CRONOGRAMA

ATIVIDADES A SEREM DESENVOLVIDAS PELO ALUNO	2018					2019						
	ago.	set	out	nov	dez	jan	fev	mar	abr	mai	jun	jul
Pesquisa bibliográfica teórica recepção da comparação entre as duas autoras	X	X	X	X								
Apresentação dos primeiros resultados no EAIC			X									
Escrita do referencial teórico e recepção da comparação entre as duas autoras					X	X						
Relatório (6 primeiros meses)							X					
Seleção e análise de poemas, estabelecendo o diálogo de Alice Sant'Anna com Ana Cristina César		X						X	X	X		
Elaboração e entrega do Relatório Final											X	X

5. RESULTADOS ESPERADOS

Espera-se atingir os objetivos propostos, demonstrando que os poemas Alice Sant'Anna em *Rabo de Baleia* (2013) dialogam com a poética de Ana Cristina César, o que faz com que a segunda autora torne-se presente nos escritos da atualidade tornando-se contemporânea deste tempo, produzindo novas significações para a noção de *travelling*, que tanto é o estar em movimento quanto o estar deslocado na sociedade.

6. REFERÊNCIAS

AGAMBEM, Giorgio. *O que é o contemporâneo? E outros ensaios*. Chapecó: Argos, 2009.

AGOSTINHO, Larissa Drigo. Ana Cristina Cesar, a arte de ser desdobrável. *Revista Investigação*, São Paulo, v. 28, n. 1, p.1-24, jan. 2015. Disponível em:

<<https://periodicos.ufpe.br/revistas/INV/article/viewFile/1200/1407>>. Acesso em: 16 mar. 2018.

ALVES, Paulo Ricardo. *Uma possível Ana Cristina Cesar*. 2017. Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/uma-possivel-ana-cristina-cesar/>>. Acesso em: 16 mar. 2018.

BOSI, Viviana. Posfácio: à mercê do impossível. In: CESAR, Ana Cristina. *Poética*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. p. 425-431.

CESAR, Ana Cristina. *Poética*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. 504 p.

FERRAZ, Eucanaã (Org.). *Poesia Marginal: Palavra e Livro*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2013. 192 p.

FORTUNA, Felipe. *Discípula de Ana C., escritora insiste no registro de sua vida*. 2016. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2016/11/1829420-discipula-de-ana-c-escritora-insiste-no-registro-de-sua-vida.shtml>>. Acesso em: 16 mar. 2018.

GARRAMUÑO, Florencia; AGUILLAR, Gonzalo; LEONE, Luciana di. *Experiencia, cuerpo y subjetividades. Literatura brasileña contemporanea*. Buenos Aires: Beatriz Viterbo, 2007.

GONÇALVES, Cristiane Rodeva. Quem tem medo de Ana Cristina Cesar? *Boletim de Pesquisa Nelic*, S.l, v. 3, p.196-203, 2010. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/nelic/article/view/1984-784X.2010nesp3p197/14685>>. Acesso em: 16 mar. 2018.

INSTITUTO MOREIRA SALLES (Ed.). *Apresentação - Poesia Marginal*. Disponível em: <<https://ims.com.br/publicacao/poesia-marginal-palavra-e-livro/>>. Acesso em: 16 mar. 2018.

LEONE, Luciana di. *Poesia e escolhas afetivas – edição e escrita na poesia contemporânea*. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

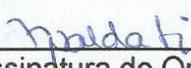
RODRIGUES, Leandro Garcia. Ana Cristina Cesar: Não tão marginal assim. *Diálogo e Interação*, S.l, v. 5, p.1-16, 2011. Disponível em: <<http://www.faccrei.edu.br/wp-content/uploads/2016/10/diartigos75.pdf>>. Acesso em: 16 mar. 2018.

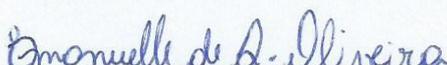
SANT'ANNA, Alice. *Rabo de Baleia*. São Paulo: Cosac Naify, 2013. 64 p.

_____. *Meios de Transporte*. 2016. Disponível em: <<https://www.revistaserrote.com.br/2016/06/meios-de-transporte-por-alice-santanna/>>. Acesso em: 16 mar. 2018.

SCRAMIM, Susana (Org.). *Alteridades na poesia – riscos, aberturas e sobrevivências*. São Paulo: Iluminuras, 2016.

Guarapuava, 19 de março de 2018.


Assinatura do Orientador


Assinatura do Aluno